



Indicadores

Crise econômica não se reverte instantaneamente. Otimismo, sim, embora nem sempre bem fundamentado. Essas premissas talvez ajudem a refletir sobre afirmações do presidente Lula, feitas há dois dias. Ele disse que a economia brasileira vai entrar no mês de agosto crescendo ao ritmo de 4% ao ano.

O presidente dá a entender que o seu prognóstico tem como base as estatísticas sobre emprego - formal é claro. Afirma que em junho foram criadas 120 mil postos de trabalho com carteira assinada (é essa a estatística do Caged), e que em julho a abertura de vagas vai crescer novamente. Parece supervalorização de uma variável que por si não assegura a retomada do dinamismo. A propósito, a economia brasileira criou 299.506 postos legais de trabalho no primeiro semestre de 2009, no entanto, esse resultado é 78% menor do que o registrado nos mesmos meses de 2008, quando foram abertas 1.361.388 vagas.

De qualquer forma, torçamos para que o presidente esteja certo. Não teria graça se esse palpite fosse a repetição atualizada da afirmação de que a crise mundial chegaria ao Brasil reduzida a mera marolinha.

- ♦ Na reunião ministerial de segunda-feira o ministro Guido Mantega reafirmou a previsão de que o PIB vai crescer 1% em 2009. Deve-se também torcer por esse resultado, mas ele depende de bom desempenho no segundo semestre para se realizar. Na verdade, a projeção defendida pelo titular da Fazenda é uma aposta nos efeitos da prorrogação das desonerações tributárias e nas facilidades de crédito para empresas, via redução da TJLP e por meio de novas linhas operadas pelo BNDES.

O jornal Valor publicou na quarta-feira uma matéria segundo a qual a expansão da

economia no segundo trimestre teria superado 2% (cálculo com ajuste sazonal) os três meses anteriores, que foram muito ruins. Uma das informações de sustentação do texto é a recuperação do volume de vendas do comércio varejista no final do semestre. Em maio, conforme dados do IBGE, essa atividade obteve resultado 3,8% superior ao alcançado em dezembro. Em princípio, esse percentual é animador, mas deve ser lembrado que a base de comparação é muito baixa, pois o PIB do quarto trimestre/2008 caiu 3,6%.

A mesma fonte indica que a produção industrial avançou 1,3% em maio, na comparação com abril, atingindo o quinto resultado mensal positivo. No acumulado dos cinco primeiros meses de 2009, o crescimento é de 7,8%. Parece muito. E é. Porém, o buraco é maior. Entre setembro e dezembro do ano passado o parque fabril amargou queda de 20% no volume físico produzido. Overdose. Já o comércio varejista sofreu menos no mesmo período. Recuou 2,6%, limitando-se a desovar estoques formados, em grande parte, no período pré-crise.

O crescimento industrial, pelas suas próprias características, costuma ser mais lento do que o do varejo comercial. Não está sendo diferente na atual conjuntura. Indicadores da Confederação Nacional da Indústria informam que a utilização da capacidade instalada na área de transformação passou de 79,4% em abril para 79,8% em maio, um pequeno avanço que não quer dizer processo sustentado de recuperação.

Uma das maiores preocupações em relação à tão esperada retomada econômica é a retração do investimento produtivo. Principalmente em relação a bens de capital. O Informe Conjuntural do segundo trimestre, divulgado pela CNI, prevê que

a Formação Bruta de Capital Fixo (FCBF) deve fechar 2009 com recuo de 9%. É demais. Já o IBGE informa que o investimento caiu 12,6% no primeiro trimestre de 2009, a maior redução desde 1996. Por isso, entre outras razões, a CNI projeta redução de 3,5% no PIB industrial de 2009, embora reconheça sinais recentes, pontuais, de recuperação na atividade.

Apesar das medidas anticíclicas, a esta altura do ano a maioria dos empresários ainda sente dificuldade em tocar projetos - sejam de modernização ou expansão. A Sondagem de Investimentos da Indústria, levantamento elaborado pela Fundação Getúlio Vargas, mostra que 87% do total das firmas pesquisadas apontam algum tipo de dificuldade para levar adiante investimentos. A pesquisa foi feita entre 15 de abril e 29 de maio em um universo de 820 empresas. O percentual com essa mesma resposta era de 43% em igual período no ano passado.

O que está faltando para melhorar essa situação? Ora, providências básicas que o setor privado vem reivindicando desde muito antes do cenário de crise. A carga de impostos continua brutal para a maioria das atividades e para a população como um todo - o que impõe viés recessivo ao consumo. As desonerações são necessárias, mas a abrangência é restrita e o efeito é passageiro. Também a questão dos juros não está resolvida. É oportuna a cruzada dos bancos oficiais para distender o crédito, via linhas especiais. Mas, de modo geral, no balcão dos bancos, as taxas continuam altíssimas, até porque os cortes na Selic chegam apenas parcialmente, e de modo lento, na ponta do varejo bancário.

■ ■ Angelo Passos, jornalista e economista, escreve às sexta-feiras. e-mail: apassos@redgazeta.com.br